

## Decolonialidade em *Saco do Inferno*, de Jess Rocha: uma contra narrativa sertãopunk sobre inclusão

Decoloniality in Jess Rocha's "*Saco do Inferno*":  
a sertãopunk counter-narrative about inclusion

Welistony Câmara Lima<sup>1</sup>  
Ana Patrícia Sá Martins<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo apresentar uma leitura crítica decolonial sobre inclusão no conto sertãopunk *Saco do Inferno* (2022), de Jéssica de Lemos, doravante Jess Rocha. Por meio de questões de identidade cultural e diversidade regional, o conto explora mistério e sertãopunk, utilizando elementos do folclore cearense. Ao retratar um personagem com síndrome de Williams-Beuren, o narrador aborda representatividade, sensibilidade e respeito, propondo ao leitor uma narrativa inclusiva que representa identidades subalternizadas. Pretende-se também relacionar o conto com os aspectos da colonialidade (Maldonado-Torres, 2007), sob a ótica do sertãopunk, gênero literário da ficção especulativa que explora alternativas para o futuro do Nordeste e suas tradições culturais. A metodologia utilizada é bibliográfica, de cunho qualitativo, por meio de uma leitura crítica do conto *Saco do Inferno*, analisando duplamente categorias, tais como: intertextualidade e elementos sertãopunk, interdiscursividade e contra narrativa decolonial. Para tanto, utilizamos, dentre outros estudiosos, Alexander Meireles da Silva (2021), Ballestrin (2013) e Fairclough (2001). Os resultados apontam para uma discussão mais ampla sobre inclusão e diversidade na literatura, além de lançar reflexão sobre a in(visibilidade) de elementos do folclore local, tensionando para questões que trazem noções de poder e colonialidade.

**Palavras-chave:** Sertãopunk. *Saco do Inferno*. Inclusão. Decolonialidade.

**Abstract:** This paper aims to present a critical decolonial reading of inclusion in the sertãopunk short story *Saco do Inferno* (2022) by Jéssica de Lemos, hereafter Jess Rocha. Through questions of cultural identity and regional diversity, the story explores mystery and sertãopunk, using elements of Ceará folklore. By portraying a character with Williams-Beuren syndrome, the narrator addresses representativeness, sensitivity and respect, proposing to the reader an inclusive narrative that represents subalternized identities. The aim is also to relate the story to aspects of coloniality (Maldonado-Torres, 2007), from the perspective of sertãopunk, a literary genre of speculative fiction that explores alternatives for the future of the Northeast and its cultural traditions. The methodology used is bibliographical and qualitative, through a critical reading of the short story *Saco do Inferno*, analyzing categories such as: intertextuality and sertãopunk elements; interdiscursivity and decolonial counter-narrative. To this end, among other scholars, Alexander Meireles da Silva (2021), Ballestrin (2013) and Fairclough (2001) were used. The results point to a broader discussion about inclusion and diversity in literature, as well as reflecting on the in(visibility) of elements of local folklore, highlighting issues that bring up notions of power and coloniality.

**Keywords:** Sertãopunk. *Saco do Inferno*. Inclusion. Decoloniality.

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Maranhão, Programa de Pós-Graduação em Letras, São Luís, MA, Brasil. Endereço eletrônico: [profetonylima@gmail.com](mailto:profetonylima@gmail.com).

<sup>2</sup> Universidade Estadual do Maranhão, Programa de Pós-Graduação em Letras, São Luís, MA, Brasil. Endereço eletrônico: [anamartins1@professor.uema.br](mailto:anamartins1@professor.uema.br).

## Introdução

O presente artigo apresenta uma perspectiva sobre inclusão<sup>3</sup>, por meio da construção de personagem com a síndrome de Williams-Beuren. Para tanto, utilizamos como objeto literário o conto *Saco do Inferno*, de autoria de Jéssica Rocha, doravante Jess Rocha. Este conto se insere no gênero literário sertãopunk, o qual surge como uma contra narrativa<sup>4</sup> acerca do imaginário que outros constroem sobre o Nordeste.

A síndrome de Williams-Beuren é descrita como um distúrbio do neurodesenvolvimento por uma microdeleção localizada no braço curto do cromossomo 7 (7q11.23), no lócus do gene da elastina (Azevedo, 2020, p. 17). A representação de personagens com deficiência (PcD) não é algo recente, mas em relação à síndrome de Williams-Beuren é algo incomum na literatura brasileira. Nesse sentido, consideramos que abordar temáticas sensíveis como inclusão com personagens subalternos é um dos elementos que caracterizam o sertãopunk.

O conto *Saco do Inferno* destaca ainda elementos do folclore nordestino que dialogam com o gênero literário sertãopunk para a valorização da cultura local. Desse modo, verificamos que os trabalhos de Alexander Meireles da Silva, em seu artigo Sobre Diversidades e Regionalidades: a ascensão da Quarta Onda da ficção científica brasileira (2022), assim como o de Mariana Teixeira e de Priscila Miraz Grecco em Sertãopunk: novas perspectivas utópicas decoloniais na América Latina a partir da ficção especulativa (2023), bem como estudiosos da decolonialidade, como Luciana Ballestrin em América Latina e o Giro Decolonial (2013), interagem com as perspectivas (des)construtivas sobre os elementos contra narrativos presentes no conto. Estes últimos trabalhos somam-se a outros para a escrita e fundamentação deste artigo.

Ademais, é importante ressaltar que a temática converge com o tema da inclusão por meio de contra narrativas decoloniais materializadas no discurso da ficção científica brasileira, especificamente na ficção especulativa. Todavia, o sertãopunk se apresenta como um contra discurso dentro da literatura brasileira, que ainda invisibiliza personagens PcD 's, assim como o próprio folclore da região nordestina. Assim, é utilizando da força do gênero literário idealizado por nordestinos que analisamos os impactos da representatividade na ficção científica brasileira.

Para tanto, buscamos Estudos decoloniais e nos Estudos Críticos do Discurso responder ao seguinte problema de pesquisa: como os elementos constituintes da contra

---

<sup>3</sup> A inclusão neste artigo é pensada como “um movimento mundial de luta das pessoas com deficiências e seus familiares na busca dos seus direitos e lugar na sociedade” e “está ligada a todas as pessoas que não têm as mesmas oportunidades dentro da sociedade” (Dellani; Moraes, 2012, p. 3).

<sup>4</sup> Utilizamos o termo contra narrativa enquanto contra-história ou contra discurso sendo esta “uma tentativa de desnarrativização ou desestruturação da memória e da história do ‘vencedor’, quebrando narrativas estruturadas com base em uma episteme que exclui, e que são, por isso, estruturantes da realidade” (Prado, 2021, p. 6).

narrativa sertão-punk representam uma perspectiva decolonial quanto ao personagem com deficiência em *Saco do Inferno*? As respostas direcionam o olhar cada vez mais sensível, incentivando a escrita mais empática e inclusiva na literatura brasileira. Dessa forma, nosso questionamento busca compreender em que medida se dá a representação de personagem subalterno na ficção especulativa.

Delimitamos como objetivo geral analisar as representações discursivas sob a perspectiva decolonial sertão-punk no conto *Saco do Inferno*. Os contra discursos materializados no texto literário podem indicar o grau de importância que os escritores da ficção especulativa têm dado aos aspectos decoloniais na literatura brasileira.

Para atingir o objetivo geral, propomos como objetivos específicos compreender, a partir da perspectiva literária sertão-punk e dos estudos decoloniais, quais aspectos subalternos são representados; investigar como tais elementos subversivos são materializados discursivamente no conto *Saco do Inferno*; e, por fim, discutir como as representações decoloniais são relacionadas aos elementos sertão-punk que constituem o conto. Assim, esta pesquisa está dividida nas seguintes seções: procedimentos metodológicos, estudos decoloniais e o sertão-punk - diálogos possíveis na ficção especulativa e analisando o discurso inclusivo em *Saco do Inferno*.

Na primeira seção, descrevemos nosso objeto de estudo e os procedimentos adotados para análise do discurso literário, utilizando categorias propostas por Fairclough (2001) na análise do discurso crítica, em seu livro *Discurso e Mudança Social*. Nessa seção, apresentamos algumas discussões pertinentes em relação à análise discursiva no texto literário. As categorias utilizadas indicam de que forma o conto *Saco do Inferno* dialoga com outros textos (intertextualidade), imbrica outros discursos na narrativa literária (interdiscursividade) e como tais discursos são organizados e materializados pelos seus produtores acerca da inclusão de Samuel enquanto personagem PcD.

Na segunda seção, oferecemos uma perspectiva sobre como os estudos decoloniais e o gênero sertão-punk dialogam na representação de personagens na literatura fantástica. Nesse momento, trazemos a genealogia desenvolvida por estudiosos como Ballestrin (2013) e os textos que conceituam os aspectos constituintes dos Estudos Decoloniais. Discutimos também o conceito, as características e o objetivo do sertão-punk enquanto gênero literário que se apresenta como movimento decolonial dentro da ficção especulativa brasileira.

Na última seção, analisamos como são construídos os aspectos da estética sertão-punk e fazemos uma relação do enfrentamento a temas sensíveis como o preconceito e a discriminação em relação ao personagem subalternizado representado em *Saco do Inferno*. Seguimos o pensamento de Oliveira e Barbarena (2017, p.12), ao mencionar as reflexões “a que a literatura é capaz de dar forma e transmitir ao tempo presente”. Nesse mote

é que entendemos que o conto sertãopunk é revolucionário, ao incluir um personagem PcD, nordestino, como figura central de sua trama.

A finalidade da metodologia utilizada é básica, estratégica e descritiva, de abordagem qualitativa, através do método dedutivo e de procedimento bibliográfico. O uso desses procedimentos permite que a interpretação dos dados leve em conta os aspectos subjetivos do texto literário. Para tanto, utilizamos como principais aportes teóricos metodológicos os Estudos Críticos do Discurso, especificamente a Análise de Discurso Crítica proposta por Norman Fairclough (2001) e nos Estudos Decoloniais.

Enquanto apreciadores do gênero literário, estamos desenvolvendo a segunda dissertação que se tem conhecimento sobre sertãopunk em programa de pós-graduação, mas a primeira em um mestrado em Letras nordestino e compartilhando o que já estamos investigando por meio de publicação de capítulos de livro e artigos em anais de eventos. Entendemos que a revolução também se faz através da partilha por meio de grupos de estudos com vertente decolonial e que trabalham com a perspectiva dos estudos críticos do discurso. Ao analisar este conto, almejamos ampliar, criticamente, o leque de produção que se tem feito sobre o movimento que até o presente momento tem chegado ao nosso estado, Maranhão, por meio de nossas pesquisas.

### **Procedimentos Metodológicos**

O propósito deste artigo é analisar discursivamente as representações de inclusão sob a perspectiva decolonial sertãopunk no conto Saco do Inferno. A metodologia apresentada leva em conta os aspectos qualitativos do texto. Para os autores Pope e Mays (2005, p.13), a pesquisa qualitativa está relacionada às significações que as pessoas trazem de suas próprias experiências em sociedade na tentativa de interpretar os fenômenos sociais. Nesse sentido, os analistas do discurso levam em conta as interações sociais externas para um movimento interno com a materialização do discurso no texto.

O nosso objeto de pesquisa é o conto *Saco do Inferno*, de Jess Rocha (2023), publicado com 32 páginas pela editora UICLAP, em 06 de março de 2023. O conto sertãopunk é uma narrativa literária<sup>5</sup> ambientada no Nordeste brasileiro e mergulhada no folclore cearense. A trama mescla elementos de mistério, fantasia e reflexão ética. A escolha do conto se deu pelos seguintes critérios que julgamos necessários: a) há representação de personagem PcD; b) faz parte do sertãopunk e c) apresenta aspectos decoloniais no texto literário. Tais critérios foram pensados a partir da leitura de outras obras sertãopunk, entretanto o texto de Jess Rocha contempla todos esses elementos caros a esta pesquisa.

---

<sup>5</sup> Fazemos a opção por utilizar o conceito de narrativa literária de Walter Benjamin para quem “A narrativa é uma forma artesanal de comunicação. [...] Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele” (Benjamin, 1994, p. 205).

Compartilhamos do pensamento de Andrade (2008, p. 29), de que também “a Literatura é uma questão linguística, pois ela não existe fora das palavras”. Por isso, analisamos o texto literário a partir das categorias: elementos sertãopunk e contra narrativa decolonial na obra. O *corpus* é constituído por cinco excertos que tratam sobre o sertãopunk, sobre a exclusão do personagem e sobre a sua inclusão. O conto apresenta outros trechos que reforçam os eixos mencionados, todavia faremos um recorte utilizando esta quantidade por entender que elas são convites para reflexões posteriores mais profundas. Os excertos foram examinados também sob a perspectiva das categorias intertextualidade e interdiscursividade, propostas pela Análise de Discurso Crítica de Fairclough (2001) e pelos aspectos da colonialidade, conceituada por Maldonado-Torres (2007).

Destarte, Fairclough (2001, p. 276) indica que “a análise de discurso deve ser idealmente um empreendimento interdisciplinar”. E quando pensamos nesse caráter interdisciplinar, entendemos que a subversão e luta de poder estão imbricados, pois, “com a colonialidade, os modos de poder, de saber, de ser dos povos colonizados são simplesmente silenciados e busca-se impor os valores europeus, norte-cêntricos como únicos e universais” (Machado; Soares, 2021, p. 988). Assim, visualizamos os discursos materializados nos excertos dialogando com outros teóricos sobre inclusão e decolonialidade.

Norman Fairclough (2001, p. 89–91) propõe considerar o uso de linguagem como forma de prática social em sua obra *Discurso e Mudança Social*. O discurso seria um modo de ação (como eu percebo o outro, eu e a minha relação com o outro através de como construímos o texto). Ele explica também quais os efeitos construtivos do discurso: (1) construção de identidades sociais e posições de sujeito; (2) relações sociais entre as pessoas; (3) construção de sistemas de conhecimento e crença (o que algumas pessoas chamam de ideologia). O discurso é a significação do mundo, não somente representa-o, mas o constitui e o constroi.

Nos limitamos nesta pesquisa a verificar no conto aquilo que ele denomina de descrição, isto é, “a parte do procedimento que trata da análise textual”, e ao que chama de interpretação, que são “as partes que tratam da análise da prática discursiva e da análise da prática social da qual o discurso faz parte” (Fairclough, 2001, p. 101). Utilizamos para a análise textual, da prática discursiva e da prática social (respectivamente as etapas da descrição e interpretação), as categorias da intertextualidade e da interdiscursividade. Acerca da intertextualidade, Fairclough afirma que é “a constituição heterogênea de textos por meio de outros textos específicos”, enquanto a interdiscursividade é “a constituição heterogênea de textos por meio de elementos (tipos de convenção) das ordens de discurso”. A intertextualidade manifesta pode ser percebida a partir de marcas textuais em que o texto pode assimilar, contradizer, ecoar ironicamente, e assim por diante”, enquanto a

interdiscursividade (intertextualidade constitutiva) são os discursos que se inter cruzam por meio de metáforas e vocabulários específicos, (Fairclough, 2001, p. 114).

A seguir, demonstramos as discussões teóricas que se têm realizado no campo dos estudos decoloniais e do sertão punk e, em seguida, exploramos as análises em diálogos com as teorias.

### **Estudos Decoloniais e o sertão punk — diálogos possíveis na ficção especulativa**

Nesta seção, discutimos o conceito, origem e características dos estudos decoloniais, que surgem como resposta às epistemologias eurocêntricas. É preciso também demarcar o sertão punk dentro do que pensamos enquanto contra narrativa decolonial na literatura. Também entender quais os cruzamentos podem ser feitos entre ambas as correntes e em que medida funcionam como instrumentos para a visibilidade e representatividade de personagem com Síndrome de Williams-Beuren.

#### **Estudos decoloniais**

Em primeiro plano, se faz necessário compreender que os estudos decoloniais surgem com o pensamento pós-colonial. Conforme Luciana Ballestrin (2013, p. 90), o pós-colonialismo é compreendido de duas formas: a primeira, enquanto tempo histórico, que compreende o tempo posterior à descolonização dos países considerados terceiro mundo. A segunda forma indica um conjunto de contribuições teóricas que surgiram a partir da discussão em universidade dos Estados Unidos e Inglaterra.

Certamente o pós-colonialismo agrega muitos conceitos e atribuições, entretanto, as considerações da autora são pertinentes à medida que nos atentamos às camadas deste termo. Além disso, é comum a associação com a modernidade ou pós-modernidade, contudo os termos distanciam-se face aos seus ideais. A modernidade é um período histórico que surgiu na Europa no século XV associada ao progresso científico, racional que se expandia à época.

O pós-colonial, por sua vez, centra-se nos impactos e consequências do colonialismo após o fim direto da dominação colonizadora. Enquanto o moderno está relacionado ao surgimento de ideais a partir do Renascimento, o pós-colonial explora relações de poder, identidade e outras consequências da modernidade. Ainda que de forma defeituosa, o objetivo do pós-colonialismo é desconstruir narrativas, dar voz aos grupos socialmente desfavorecidos pelo processo do colonialismo e possibilitar oportunidades de emancipação de identidades culturais.

Para Ballestrin (2013, p.90), o ideal do pós-colonialismo é a independência, libertação e emancipação das sociedades exploradas pelo imperialismo e neocolonialismo especificamente nos continentes asiático e africano. Complementando essa perspectiva,



Borba e Benzaquen (2020, p. 6) argumentam que “a pós-colonialidade serviria, ademais, como uma chave de interpretação sociológica, um conceito ou abordagem que não se identifica simplesmente no tempo, mas no debate teórico sobre a modernidade desde suas margens”. Assim, embora países sul-americanos tenham sofrido as consequências do colonialismo antes das corridas imperialistas, ele também se inclui no grupo de sociedades que buscam a emancipação por meio do debate sociológico sobre os efeitos da modernidade.

No período após a Segunda Guerra Mundial, a fraqueza econômica das colônias culminou numa onda de movimentos que buscavam a independência da Ásia e da África. Assim, grupos e teóricos pós-coloniais surgiram para questionar o processo de transição do domínio colonial para a independência das ex-colônias agindo como movimentos de resistência epistêmico culturais. Nesse sentido, Toledo (2021, p. 25) explica que “em linhas gerais, a extensão da opressão colonizadora, fosse ela física ou subjetiva, fez da resistência um traço comum entre os trabalhos que pensam o mundo colonial”. Os teóricos pós-coloniais passaram a questionar a soberania política e administrativa colonizadora dos governos e isso consequentemente gera debates sobre autonomia, epistemes e diversidades.

Destarte, a modernidade, que se centra na racionalidade, na ciência, no progresso e no desenvolvimento, apresenta o pós-colonialismo às suas margens. Para o pensamento pós-colonial, o progresso e a razão deveria ser a sociedade alcançar um patamar mais justo e eficiente. No entanto, na filosofia da história kantiana e hegeliana como mencionado por Cavalcanti (2021, p. 252), o outro é ainda assimilado ao modelo europeu.

Tanto Ballestrin (2013) quanto Borba e Benzaquen (2020) tecem críticas à modernidade eurocêntrica como diluidora de contribuições e experiências outras, ou seja, de povos não ocidentais. E nesse aspecto, a pós-colonialidade analisa até que ponto a hegemonia das colônias influenciam a cultura, a educação, a política e a economia dos países colonizados. Assim, novos debates surgiram para pôr em xeque ideologias que atuam como separatistas em relação a questões raciais, de gênero, de classe etc.

Os Estudos Subalternos surgem em 1970 como contra narrativa para se repensar a história e a sociedade, mas a partir do olhar de grupos oprimidos. Tomando emprestado o termo cunhado por Gramsci (Del Roio, 2007, p. 64), o subalterno é aquele que se encontra à margem, desde camponeses às minorias étnicas. Todas as classes trabalhadoras, mulheres, pessoas PCDs tendem a ser excluídas das elites coloniais e nacionais e a literatura explora o silêncio desses subalternos.

No tocante à conceitualização imposta sobre a deficiência, Dirth e Adams (2019, p. 261, tradução nossa) comentam que “a intenção histórica das definições formais de deficiência era identificar pessoas que exigem e (não) são dignos de assistência, usando

médicos para fazer tal designações”<sup>6</sup>. Arriscamos dizer que, no âmbito cultural, social e político, pessoas PcD costumam não ser assistidas pelo Estado por uma questão para além de ideológica. Quanto mais distante estiverem dos centros de tomadas de decisões, tanto mais serão considerados não partícipes da própria sociedade que o constituem.

Na qualidade de resistência e agência, os estudos subalternos contam a história pela perspectiva desses grupos socialmente desfavorecidos, resistindo e agenciando estes subalternos. Inspirados nestes, o Grupo Modernidade/Colonialidade, por meio de críticas às narrativas históricas e sociais dominantes, lança um olhar subalterno mais crítico que promove uma história alternativa que valoriza as experiências outras. Assim, os estudos subalternos tentam desconstruir a hegemonia por meio de métodos que fogem ao molde eurocêntrico, a saber fontes não tradicionais da história com mitos e práticas culturais que ajudam a contar a sua própria história.

Conforme anteriormente mencionado, Ballestrin (2013, p. 92–93) nos explica que o termo subalterno “foi tomado emprestado de Antonio Gramsci e entendido como classe ou grupo desagregado e episódico, que tem uma tendência histórica a uma unificação sempre provisória pela obliteração das classes dominantes”. O teórico marxista é quem fala sobre o subalterno pela primeira vez como um grupo que é invisibilizado pelas classes dominantes. Isso é feito de forma sistemática para que esses grupos, que na verdade são a maioria, não sejam incluídos nas práticas e discursos hegemônicos.

No seu texto “Pode o subalterno falar?”, Gayatri Chakravorty Spivak (1985) aponta algumas características que são atribuídas ao subalterno: o silenciamento compulsório e a sua contribuição enquanto mais um outro. Acerca disso, Ballestrin (2013, p. 93, grifo da autora) comenta que “o subalterno permanece silenciado e aparece como constituição de mais um ‘outro’, uma classificação essencialista que acaba por não incorporar a noção de *différance* ou hibridismo”. Em suma, o subalterno, grupos excluídos da hierarquia dominante, não pode falar, tampouco é papel do intelectual fazer isso por ele, mas promover a sua visibilidade para que este seja ouvido.

Avançando nas discussões sobre o silenciamento do subalterno, inspirados pelos estudos subalternos sul-asiáticos, estudiosos criam o Manifesto inaugural del Grupo latinoamericano de Estudios Subalternos. Esta organização interdisciplinar entende que as demandas nas mudanças no âmbito político e cultural são diferentes na América Latina, o que sugere revisar epistemologias das ciências sociais e humanas. Ainda ao encontro do que Ballestrin (2013, p. 94) afirma, o projeto semelhante conduzido por Ranajit Guha é dedicado ao estudo do subalterno latino americano.

---

<sup>6</sup> “The historical intent of formal disability definitions was to identify people who require and are (not) worthy of assistance, using medical practitioners to make such designations”.



A ligação com epistemes ainda centradas nos estudos estadunidenses e subalternos indianas levantam questionamento sobre a necessidade do Grupo Latino-americano de Estudos Subalternos de transcender epistemologicamente (Grosogouel, 2008, p. 116). Dessas fragmentações de pensamento, surge o Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C) com o objetivo de contribuir para a renovação analítica e utópica das ciências sociais latino-americanas do século XXI. Muitas foram as teorias que serviram de inspiração para o grupo M/C, dentre elas a teoria feminista chicana, a pós-colonial e a filosofia africana. O grupo busca, no entanto, sempre uma reflexão sobre cultura e política latino-americana e o conhecimento dos grupos subalternizados.

O grupo modernidade/colonialidade encontrou inspiração em uma ampla gama de fontes, desde as teorias críticas europeias e norte-americanas da modernidade até o grupo de estudos subalternos do sul da Ásia, a teoria feminista chicana, a teoria pós-colonial e a filosofia africana, e muitos de seus membros operaram em uma perspectiva de sistemas mundiais modificados. Sua principal força orientadora, no entanto, é uma reflexão contínua sobre a realidade cultural e política da América Latina, incluindo o conhecimento subalterno de grupos explorados e oprimidos (Escobar, 2003, p. 53, tradução nossa).<sup>7</sup>

Percebemos, pois, que o surgimento dos pensamentos disruptivos foram influenciados pela teoria pós-colonial. Entendemos também em que medida considera-se hoje o que seria o indivíduo subalterno, oriundo do processo de pós-colonialidade. Além do que, a modernidade e a colonialidade são conceitos que estão imbricados no silenciamento dos outros, demonstrado pelos Estudos Subalternos na América Latina e reafirmado pelo Grupo Modernidade/Colonialidade.

Assim, é necessário refletir sobre como pensar as premissas e agendas do Grupo Modernidade/Colonialidade para o problema desta pesquisa, ou seja, como a colonialidade se intersecciona com os aspectos decoloniais e inclusivos na representação de personagem PcD na narrativa literária. O conceito de transmodernidade, inicialmente proposto por Enrique Dussel e sustentada por Maldonado-Torres pode ser pensado enquanto ética dialógica radical que é necessária para entender as lutas contemporâneas. Diferente da modernidade interligada à colonialidade, a transmodernidade almeja sociedades verdadeiramente inclusivas e sustentáveis.

A transmodernidade não seria mais um novo universal imperial abstrato sobre como se pensar o mundo, pelo contrário, ela oferece uma visão crítica e inclusiva do papel da

---

<sup>7</sup> “El grupo de modernidad/colonialidad ha encontrado inspiración en un amplio número de fuentes, desde las teorías críticas europeas y norteamericanas de la modernidad, hasta el grupo surasiático de estudios subalternos, la teoría feminista chicana, la teoría postcolonial y la filosofía africana; así mismo, muchos de sus miembros han operado en una perspectiva modificada de sistemas mundo. Su principal fuerza orientadora, sin embargo, es una reflexión continuada sobre la realidad cultural y política latinoamericana, incluyendo el conocimiento subalternizado de los grupos explotados y oprimidos”.

modernidade. Nesse sentido, Maldonado-Torres (2007, p. 162, tradução nossa) reafirma a transmodernidade como um “um convite para pensar sobre a modernidade/colonialidade criticamente, a partir de posições e de acordo com as múltiplas experiências de sujeitos que sofrem de diferentes maneiras a colonialidade do poder, do conhecimento e do ser”<sup>8</sup>. Assim, ela reconhece e valoriza a diversidade de epistemologias e experiências culturais por meio da promoção do diálogo intercultural e da descolonização do saber.

Sob o prisma das lentes da transmodernidade, podemos verificar como a humanização e identidade do personagem PcD se dão no texto literário. A colonialidade desumaniza os grupos subalternos e isso afeta suas subjetividades e identidades. As relações de poder que culminam em opressão serão discutidas adiante, evidenciando como a transmodernidade aborda as complexas relações que tratam sobre inclusão.

Conforme, Ferreira (2023), é necessário descolonizar as práticas nos estudos linguísticos:

Encarar a deficiência nos estudos linguísticos propicia o pensar a partir da deficiência, o pensar a partir da margem, da vulnerabilidade, da fratura, da imprevisibilidade, da não normatividade, o que seria uma forma de des(re)construirmos conceitos de comunicação, de competência linguística, de diversidade, de linguagem, de corpo, entre outros. Uma grande oportunidade de aleijarmos a linguística, de descolonizá-la, (Ferreira, 2023, p. 72).

Ao pensarmos nesta provocação proposta pela autora sobre aleijarmos a linguística, podemos inferir que o ponto de partida sobre normatividades precisa ser descentralizado. E visto que o não normativo é sempre um lado disforme no padrão, por que não pensar a partir da margem, de quem está aleijado pelo sistema? O conto sertãopunk ao trazer um personagem PCD para o centro da narrativa reafirma o seu posicionamento de agenciamento de fraturas como prática descolonizadora, que entende tal perspectiva emancipadora como um desafio para a superação de concepções tradicionais de linguagem e corpos.

Na seção a seguir, apresentamos o sertãopunk, seu conceito, origem e abertura para o diálogo com os estudos decoloniais e outras teorias que pensam sobre o protagonismo de grupos excluídos. É importante ressaltar que a atitude punk é uma das ferramentas decoloniais apresentadas por este gênero literário. É no encontro com o outro opressor que os subalternos silenciados buscam denunciar o projeto da colonialidade em todos os meios, seja no âmbito real ou fictício.

---

<sup>8</sup> “La transmodernidad es una invitación a pensar la modernidad/colonialidad de forma crítica, desde posiciones y de acuerdo con las múltiples experiencias de sujetos que sufren de distintas formas la colonialidad del poder, del saber y del ser. La transmodernidad envuelve, pues, una ética dialógica radical y un cosmopolitanismo de-colonial crítico.”

## Sertãopunk

O Sertãopunk emerge em 2019 como subgênero da quarta onda da ficção científica brasileira. O movimento, inicialmente literário e estendido a outras artes, foi criado por dois baianos, Alan de Sá e Alec Silva, junto à cearense Gabriele Diniz ou G.G. Diniz. O gênero literário busca através da atitude punk subverter os estereótipos construídos em torno do Nordeste principalmente na ficção especulativa.

Lemos (2004, p. 12) explica que o termo punk advém do movimento inglês de mesmo nome na década de 70. A modernidade com o discurso da ciência e da tecnologia não resolveu os problemas sociais, pois as condições de existência dos grupos que já se encontravam à margem se agravaram ainda mais. Portanto, coube ao indivíduo marginalizado pelo progresso científico e pelo projeto da modernidade/colonialidade fazer a sua própria revolução — daí o seu caráter transgressor.

Nesse sentido, a emancipação da representatividade nordestina na ficção científica brasileira é a principal causa do sertãopunk. O indivíduo estereotipado vê na manifestação e promoção das riquezas culturais da sua região a transgressão na literatura brasileira. Defendemos que o gênero literário se apresenta como contra narrativa decolonial que dá voz ao sujeito nordestino que sempre teve seus elementos culturais contados por outros.

O recorte fictício realizado por grandes autores como Guimarães Rosa, Graciliano Ramos e Ariano Suassuna em obras como *Vidas Secas*, publicado em 1938, e o *Auto da Compadecida*, lançado em 1955, ainda hoje ajudam a fixar o imaginário do Nordeste. De fato, muitos nordestinos se sentem representados por essas narrativas literárias e são obras que colocaram o Nordeste no mapa da literatura nacional e mundial. Contudo, há aqueles que creem que o sertão fictício da literatura modernista solidificou a imagem da seca, do retirante em busca de oportunidade nas grandes metrópoles e outros elementos de êxodo rural escondendo a real dinâmica das práticas sociais que mudam constantemente no Nordeste, sobretudo a subjetividade e identidade nordestina.

Todas essas aspirações de representatividade na literatura, especificamente na ficção especulativa, fazem parte do que alguns autores como Alexander Meireles da Silva (2021) e Lídia Zuin (2019) denominam enquanto terceira e quarta onda da ficção científica brasileira, ou FC brasileira. Para Silva (2021, p. 76), a terceira onda “almeja a integração da identidade brasileira a um contexto global, levando a uma diluição do que é ser brasileiro”, enquanto Zuin (2019, on-line) explica que “hoje, já na quarta onda da ficção científica brasileira, vemos autores que exploram sub gêneros populares atualmente”. Não é objetivo deste artigo tratar sobre toda a genealogia das quatro ondas da ficção científica brasileira, mas situar o leitor

sobre os movimentos que aconteceram e acontecem na literatura e que permitiram o surgimento do sertãopunk<sup>9</sup>.

A terceira onda discutida por Silva (2021) surge no final do século XX e início dos anos 2000. O movimento contemporâneo apresenta diversidade estilística e temática dando visibilidade maior às mulheres e aos escritores das distintas regiões do país. O objetivo da terceira onda é demonstrar as preocupações contemporâneas e culturais do Brasil e inseri-las no cenário mundial da ficção científica.

Como demonstrado, Zuin (2019) foi uma das primeiras a mencionar o termo quarta onda, chamando a atenção para os autores que, sob o guarda-chuva desta, publicam subgêneros que se tornaram populares, como o afrofuturismo, por exemplo. A onda anterior não conseguiu ampliar a possibilidade do que prometera, é por isso que novas ondas surgem para suprir as demandas e anseios de quem esperava mais dos movimentos anteriores. Neste caso, o pouco espaço cedido às escritoras e aos escritores de diferentes regiões na ficção científica do país criou um vácuo na literatura brasileira das primeiras décadas do século XXI, que continuou a marginalizar e excluir autores das mais diferentes regiões do Brasil, afetando principalmente escritores do Norte e Nordeste.

Destarte, a proximidade entre a terceira e a quarta onda centra-se em como a brasilidade é abordada dentro da ficção científica brasileira. Na primeira, o enfoque consiste na integração deste aspecto de identidade nacional com o cenário global, entretanto na última o objetivo é promover a brasilidade muito mais na literatura nacional. É nessa possibilidade de diálogo que novos movimentos surgem como o sertãopunk, assumindo-se como subgênero, sendo seu caráter inclusivo ao potencializar as vozes de mulheres, grupos minoritários e escritores/as nordestinos/as.

Isso se torna ainda mais importante, visto que em tempos de embates políticos e segregacionistas promovidos pelas mídias emergem também discursos xenofóbicos que ressoam na literatura de forma velada ou manifestada por pessoas que não conhecem com propriedade a região nordestina. Nesse sentido, os subgêneros que vão surgindo por vezes fazem uma crítica sobre outros, como é o caso do sertãopunk em detrimento do cyberagreste. Os criadores do sertãopunk se incomodam com o tipo de representação futurista que é feita sobre o Nordeste por outro e, sem desconsiderar o lado distópico, propõem sua própria visão sobre nordestinidade distópica. A tônica das narrativas literárias que utilizam aspectos do realismo mágico, solarpunk e afrofuturismo abordam relações de independência regional, antagonismo coronelista, desenvolvimento energético sustentável e ancestralidade da diáspora africana.

---

<sup>9</sup> A título de curiosidade a primeira onda e a segunda são discutidas por Silva (2021, p. 63–64) enquanto correspondentes à "Geração GRD" e posteriormente ao "surgimento de revistas especializadas, fanzines e clubes de leitura organizados por escritores, escritoras e um pequeno, mas engajado público leitor", respectivamente.

O cyberagreste surgiu em 2019 e a proposta foi reimaginar o Nordeste no futuro distópico em que máquinas representam cangaceiros cibernéticos. A famigerada visão de que no Nordeste todos são justiceiros sociais, tal qual cangaceiros, associado ao exotismo criado acerca do indivíduo nordestino, causam desconforto em escritores da ficção especulativa que já percebiam as disparidades que a terceira onda gerava. Em resposta a esse subgênero criado por sudestinos e sulistas, idealizaram o sertãopunk como gênero que reconta o Nordeste a partir da visão do nordestino, abrindo um espaço de possibilidades em que narrativas literárias outras poderiam e devem se manifestar.

Alguns dos principais elementos que fazem parte dessa narrativa literária futurista é a autonomia política e independência energética da região em relação aos demais estados. O folclore, traduzido por lentes do realismo mágico, exploram as múltiplas facetas culturais nordestinas, ao passo que o desenvolvimento de sistemas sustentáveis energeticamente mostrava o lado da modernidade que torna a tecnologia acessível a todos. Como a região que concentra a maior parte da diáspora africana no Brasil, as histórias afro centradas sertãopunk buscam contemplar as raízes que formam o povo nordestino.

A historiografia do Nordeste é uma representação construída equivocadamente sobre o processo que iniciou no movimento desenvolvimentista da década de 1930 em que nordestinos precisavam migrar para outras regiões por conta da industrialização. Sobre isso, Teixeira e Grecco (2023, p. 110), no artigo “Sertãopunk: novas perspectivas utópicas decoloniais na América Latina a partir da ficção especulativa”, explicam que “esta transição do cenário agrário para o industrial é marcada pela saudade do lar abandonado, visualizando o desenvolvimento econômico e a desmarginalização social”. Acrescido ao saudosismo do lar deixado para trás, está o exotismo difundido por aqueles que criaram o estereótipo do nordestino enquanto estranho e alheio ao progresso.

Nesse sentido, Silva (2021, p.75) explica que na ficção científica gêneros também podem reforçar esse aspecto segregacionista, ao propagar imagens consagradas nos discursos das regiões sul e sudeste “na TV, cinema, literatura e veículos de comunicação e marketing em relação ao imaginário do nordeste, o cyberagreste perpetuou estereótipos da região como uma terra de cangaceiros, beatos, seca e atraso.” Por isso, em seu artigo “Estão inventando o Nordeste. De novo.”, o escritor baiano Alan de Sá (2019) menciona que as ilustrações do artista gaúcho Vitor Wiedergrun, as quais iniciaram o cyberagreste, ao trazer uma estética que remete ao passado de cangaço e seca, não conseguem contemplar a atual realidade do Nordeste através da sua projeção punk. Diante dessas críticas, propomos a seguir uma leitura crítica sobre os aspectos decoloniais e inclusivos que constituem a narrativa literária sertãopunk.

### **Analisando o discurso inclusivo em *Saco do Inferno***

O conto *Saco do Inferno* apresenta uma narrativa literária que mescla elementos de mistério e sertãopunk, narrada pelo protagonista Samuel, um jovem que nasceu com a síndrome de Williams - Beuren. A Síndrome de Williams é uma desordem genética que, talvez, por ser rara, frequentemente não é diagnosticada. Sua transmissão não é genética. Decidindo explorar além dos limites urbanos de Fortaleza, Samuel empreende uma jornada até a zona rural de Saco do Inferno.

Neste ambiente distópico, além de encontrar novas amizades, Samuel se depara com uma trama misteriosa, envolvendo o histórico açude do Podre. A viagem a esse lugar não só revela segredos obscuros, mas também desafia as expectativas do protagonista, o que, por sua vez, proporciona-lhe uma reflexão sobre identidade e pertencimento.

A autora Jéssica Rocha de Lemos é poetisa e escritora cearense de ficção especulativa. Em 2021, ganhou o prêmio Poesia Cura da editora Absurtos, para fazer parte de uma coletânea. *Saco do Inferno* é o primeiro conto da autora a ser publicado oficialmente na plataforma digital da Amazon. A seguir, analisamos as categorias discursivas da intertextualidade e interdiscursividade evidenciadas na seção de metodologia, associadas às categorias literárias “elementos sertãopunk” e “contra narrativa decolonial” para compreender os cruzamentos entre a decolonialidade e a ficção especulativa.

### **Intertextualidade e elementos sertãopunk**

A narrativa literária sertãopunk retrata um Nordeste onde avanços tecnológicos, principalmente ecológicos, elevaram a qualidade de vida, fazendo referências ao solarpunk. Embora independente economicamente e energeticamente, algumas narrativas literárias sertãopunk tem como característica uma desordem social liderada, geralmente, por uma elite coronelista que é financiada por grupos externos. O processo migratório também está presente nas histórias futuristas, mas não protagonizando a seca como motivo principal, mas as evasões causadas pelo coronelismo que é o grande antagonista do Nordeste distópico. Esses são critérios mencionados por Sá (2019), que constituem a estética do gênero, mas necessariamente não precisam andar em conjunto ou similarmente.

O cenário nordestino é um pólo independente de desenvolvimento intelectual e cultural, mas, embora muitos dos elementos anteriormente citados não estejam presentes no conto *Saco do Inferno*, a narrativa literária se encarrega de representar um personagem nordestino PcD que incorpora a oralidade de sua região, interage com elementos culturais, lendas e misticismos cearenses. Observemos como se dá o processo de intertextualidade e de quais elementos do sertãopunk são possíveis de se visualizar nos excertos (1), (2) e (3):



(1) O interior fica a 400 km de Fortaleza, chamado Saco do Inferno. (Rocha, 2023, p. 11)

(2) Vovó Binoca fez um apetitoso churrasco de carne de porco com tapioca e suco de murici. (Rocha, 2023, p. 28)

(3) Eu 'pedalei' por Saco do Inferno retendo memórias de uma placa na estrada no interior do Ceará indo para a cidade de Mosquito — interior de minha mãe — onde há lagoas, açudes, rios, murici — frutinha docinha amarelada — e onde comi do melhor peixe com tapioca da minha vida. (Rocha, 2023, p. 11, grifos da autora)

O termo "Saco do Inferno", no excerto (3), que dá nome ao conto, é escolhido pela autora para descrever uma localidade no interior do Nordeste futurista. Isso cria uma atmosfera de mistério e fantasia, típica do gênero sertãopunk. Seja em obras como a *Metamorfose* de Franz Kafka ou nas obras de Jorge Luis Borges, o elemento insólito está presente na literatura fantástica e no realismo mágico. Ele serve para desafiar as normas e expectativas, por meio de eventos sobrenaturais, provocando simultaneamente uma sensação de estranhamento/maravilha.

No sertãopunk, o elemento insólito presente nos contos que tratam sobre as lendas e folclore nordestino incentiva uma reflexão mais profunda sobre a diferente natureza da realidade e a experiência humana nordestina (Silva, 2021, p. 76). O uso de um nome tão sugestivo pode provocar no leitor o estranhamento, visto que o inferno remete a um lugar habitado por seres pouco convidativos, mas que podem indicar uma reimaginação ficcional e especulativa da região nordestina. Assim, a autora acrescenta elementos de folclore e mitologia, como uma criatura demoníaca que aparece na trama e possui traços estéticos presentes nos contos lovecraftianos como *O Chamado de Cthulhu* publicado em 1928.

No excerto seguinte (2), a descrição de um churrasco de carne de porco com tapioca e suco de murici apresenta ao leitor elementos da cultura e culinária nordestina, o que atribui um caráter também educativo da abordagem sertãopunk. Ao trazer para a narrativa literária os aspectos culturais regionais, como a comida típica e os ingredientes da culinária cearense, ela contribui para a construção de uma ambientação mais autêntica e enraizada na tradição nordestina, à medida que a própria escrita se torna peculiar e original sem esquecer das raízes que a compõem.

No conto *Saco do Inferno*, o processo de intertextualidade se torna evidente, ao passo que Jess Rocha incorpora elementos de sua própria experiência e memória pessoal, descritos no posfácio, na construção da narrativa literária. Os elementos, como as paisagens e aspectos culturais do interior do Ceará, são reimaginados e incorporados à ambientação e caracterização do cenário apresentado no conto.

Além disso, a abordagem decolonial se materializa na narrativa literária quando a autora desafia e subverte os discursos dominantes ou estereotipados sobre o Nordeste, pois apresenta uma perspectiva que não segue os passos da seca, êxodo, cangaço ou beatismo

que são presentes e se tornaram frequente na escrita sobre nordestinidade. Seu texto contribui para uma representação mais diversificada, real e, ao mesmo tempo, complexa da cultura nordestina dentro da ficção especulativa, ao promover uma abordagem decolonial que valoriza e respeita as vozes e experiências locais.

### **Interdiscursividade e contra narrativa decolonial**

No excerto a seguir (4), observamos que Samuel, o protagonista, está passando por um processo de integração em sua família, não de inclusão, isto é indicado pelo reconhecimento que sua tia Cláudia faz do seu amadurecimento. Para Lima *et al.* (2023, p. 12, grifos dos autores), “o termo ‘integração’ sugere que os deficientes devem se adequar à homogeneidade social, em vez de incentivar a sociedade e os espaços sociais a se adaptarem para incluí-los”, o que reflete segregação e uma atitude não inclusiva. No entanto, há sinais de que ele pode sentir-se deslocado ou diferente, que são sugeridos pela comparação feita por ela com um "gnomo de jardim" e a sensação de estranheza expressa por Cláudia. Percebemos que este processo de integração, no qual Samuel precisa se ajustar às expectativas familiares, reflete uma abordagem de interdiscursos que denunciam o processo de exclusão social de PcDs e estereótipos sobre eles construídos, em que a aceitação completa e a valorização da diversidade podem não ser alcançadas plenamente.

(4) - Você está um homem! Da última vez que o vi você ainda estava tentando ler a palavra casa. Não consigo acreditar o quanto está crescido, apesar da sua doença, até que você não ficou feio, antes tinha mais cara daqueles desenhos animados, um gnomo de jardim. – falou tia Cláudia sentada no sofá dando uma risada apavorante, ela olhava pra mim como se eu fosse um alienígena. (Rocha, 2023, p. 5, grifos nossos)

Um dos discursos que observamos é a referência à infância, geralmente utilizada para fazer comparações entre o passado, o presente e o futuro de alguém. Quando a tia Cláudia menciona que da última vez que viu Samuel ele estava "tentando ler a palavra casa", como destacado, ela evoca uma imagem da infância e do processo de aprendizagem das fases iniciais de um ser humano — a alfabetização de uma criança. Essa referência é um discurso comum associado não apenas ao desenvolvimento infantil e à educação, mas à associação entre deficiência e doença. Sendo concepções comumente interligadas, a tia de Samuel sente-se surpresa ao tentar postular uma métrica de oportunidades sociais em que, pessoas PCD, por conta de suas condições, não são contempladas pelo Estado no que tange à educação.

Outro discurso que é evocado é a relação entre desenhos animados e gnomo de jardim com a estética de Samuel. A comparação dele com um "gnomo de jardim" e a menção de que ele "não ficou feio" anteriormente mencionados em destaque, sugerem referências a padrões

sociais e estéticos impostos pela sociedade e estereotipados na cultura popular, sendo reforçados até mesmo em desenhos animados e figuras fantásticas. Essa interdiscursividade conecta a experiência pessoal de Samuel ao senso comum que constroem sobre a estética de pessoas com a síndrome de Williams-Beuren, adicionando camadas de significado e complexidade ao seu retrato enquanto homem que apresenta aparência que foge aos padrões sociais.

O comentário de que a tia Cláudia olhava para Samuel como se ele “fosse um alienígena” no último destaque do excerto cria uma sensação de estranhamento e alienação. Essa referência ao discurso sobre alienígenas, comum na ficção científica e na cultura popular, acrescenta uma dimensão de desconforto e distância entre Samuel e sua família, reforçando sua sensação de não pertencimento ou diferença. A alienação é um processo que reforça as separações entre as camadas sociais, entre as elites e hierarquias dominantes das pessoas que se encontram à margem por questões de gênero, classe social ou no caso de Samuel da aparência e deficiência física.

Entretanto, no excerto a seguir (5), notamos como se constroi o discurso inclusivo, que visibiliza e dá protagonismo ao personagem. Ainda que pela voz de outrem, há o reforço das múltiplas habilidades e características de Samuel que atravessam sua peculiaridade enquanto homem PcD:

(5) - Pessoas com síndrome de Williams têm habilidades natas para música. Possuem uma hipersensibilidade auditiva que nenhuma outra pessoa comum poderia ter. – disse Maria, chegando no assunto e sorrindo para mim com brilho nos olhos. Eu disse “obrigado”, em um cochicho. (Rocha, 2022, p. 05 - grifos da autora)

Neste excerto, não há a promoção do discurso da inclusão, pois ao demonstrar as habilidades e características positivas das pessoas com síndrome de Williams-Beuren, Maria acaba por enfatizar a necessidade de adaptação ou integração às normas estabelecidas a partir das habilidades “extraordinárias” que homens que possuem a mesma condição que Samuel podem desenvolver. Maria enfatiza as habilidades naturais, como a sensibilidade musical e auditiva de Samuel, entretanto como se fosse um mecanismo de compensação.

Além disso, a aceitação e valorização dessas características transmitem para o leitor uma mensagem de apoio e encorajamento, diferentemente do excerto anterior. A autora está ciente de que uma atitude empática e inclusiva promove o reconhecimento da diversidade humana em todas as suas formas e cores.

Em seu artigo “Ética, decolonialidade e migração à luz do pensamento freireano”, Rubens Lacerda de Sá (2021) explica em que medida os estudos decoloniais intercedem pelos subalternos: “o pensamento decolonial advoga em favor da diversidade, da horizontalidade, da polinização de saberes, da preocupação ética e ontológica, da

desmarginalização da periferia, da aceitação das muitas cosmovisões sociais e da rejeição tácita à sanção da ignorância de quem quer que seja” (Sá, 2021, p. 55). A avaliação negativa, velada de gentileza diplomática, de Maria em relação às pessoas com síndrome de Williams-Beuren, conforme apresentado no excerto, acaba por se distanciar dos princípios do pensamento decolonial expressos por Sá.

Assim, as análises realizadas no conto *Saco do Inferno* revelam não apenas uma história emancipadora e rica em folclore, mas também uma reflexão sobre inclusão e diversidade cultural. O conto protagonizado por um homem PcD nordestino é uma sugestão de leitura para todos os que querem compreender melhor a proposta sertãopunk. Para além da representatividade nordestina, a escrita de Jess Rocha apresenta uma perspectiva decolonial sobre uma nordestina falando de seu local de vivências e partilhando da tapeçaria cultural que o estado futurista fictício do Ceará proporciona.

### **Considerações finais**

Esta pesquisa evidenciou o recorte de uma análise sobre a perspectiva de como a inclusão é representada na construção decolonial em narrativa literária de personagem com a síndrome de Williams-Beuren. Focamos nossas análises no conto *Saco do Inferno*, de autoria de Jéssica Rocha, doravante Jess Rocha, que apresenta as aventuras de um personagem PcD em meio a um lugar distópico misterioso. Ao explorar os interstícios de temas decoloniais, o conto nos convida a refletir sobre a importância da representatividade na literatura, enquanto nos imerge nas tradições e mitos de um sertãopunk Nordeste.

Nosso objetivo geral foi analisar discursivamente as representações discursivas sob a perspectiva decolonial sertãopunk no conto *Saco do Inferno*. Identificamos que há diálogos possíveis e abrangentes entre os estudos decoloniais, os estudos críticos do discurso e o gênero sertãopunk. Todas essas correntes buscam a emancipação do sujeito subalterno em todos os espaços, desde a sociedade real com suas conjecturas a ficções literárias que especulam um futuro mais justo para todos.

Em relação aos objetivos específicos, foi possível compreender, a partir da perspectiva literária sertãopunk e dos estudos decoloniais, os aspectos subalternos que foram representados na construção do conto. Analisamos também como os elementos subversivos são materializados discursivamente em excertos extraídos de *Saco do Inferno*. E, por último, relacionamos as representações decoloniais, como a contra narrativa, aos elementos culturais presentes no conto sertãopunk.

Os estudos decoloniais por meio de autores como Nelson Maldonado-Torres (2007), Ramon Grosfoguel (2008), Marcos Del Roio (2007), além de pesquisadores como Ballestrin (2013) e Sá (2021), defendem um movimento emancipatório epistêmico e político na América Latina. Destarte, Alan de Sá, G.G. Diniz e Alec Silva acreditam no gênero sertãopunk

enquanto impulsor de discursos de subalternizados nordestinos na literatura, especificamente na ficção especulativa. Ambas as correntes se complementam na promoção de discursos que visibilizam grupos socialmente desfavorecidos como os escritores e personagens nordestinos.

Os discursos analisados na narrativa literária apontaram que o personagem Samuel, protagonista PcD sofreu discriminações e exclusão, causando um não pertencimento familiar. O que, por sua vez, sugere que mesmo entre grupos subalternos existe a pedagogia do oprimido (Freire, 1987), em que o próprio oprimido se torna opressor, neste caso a tia do personagem, que não consegue se enxergar enquanto oprimida e comete os mesmos atos de exclusão social das classes dominantes que sofre. Outrossim, essa exclusão social foi dando lugar ao acolhimento afetivo por parte de Maria e seus primos com quem desenvolve forte amizade.

Assim, entre as respostas para o problema de pesquisa sobre os aspectos decoloniais que há entre os elementos constituintes sertãopunk na representação do personagem com deficiência em Saco do Inferno, destacamos o papel primordial da inclusão que é garantido pela Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. Ainda que este espaço já seja reivindicado nos ambientes escolares, públicos e privados, a representatividade de pessoas PcDs na literatura brasileira representa um avanço significativo para que mais pessoas se sintam incluídas e integradas. Incentivamos os autores de ficção científica a olharem para essa questão com mais sensibilidade e empatia para que a representação de personagens PcDs não sejam algo incomum na literatura brasileira.

Para as análises do discurso literário, utilizamos um corpus constituído por cinco excertos que tratam sobre o sertãopunk, sobre a exclusão e inclusão do personagem protagonista. À luz das categorias da intertextualidade e interdiscursividade propostas pela Análise de Discurso Crítica de Fairclough (2001) e dialogando com perspectivas decoloniais, verificamos como o conto Saco do Inferno dialoga com as vivências pessoais da autora Jess Rocha. Percebemos que os discursos de exclusão social, alienação e inclusão também fazem parte da narrativa literária e fornecem uma perspectiva para se repensar a (in)visibilidade de personagens subalternos.

Em relação às dificuldades e limitações da pesquisa, notamos que o estado da arte em relação ao sertãopunk ainda é escasso, porém promissor. A título de curiosidade, recomendamos a leitura da dissertação “Sertãopunk: um movimento em movimento”, de Vetromille (2022) e os artigos nos blogs e páginas eletrônicas dos idealizadores do movimento, como *Usina de Universos*, de autoria da Gabriele Diniz, ou G.G Diniz<sup>10</sup>. Observamos também as poucas análises que unem os estudos críticos do discurso e os

---

<sup>10</sup> Disponível em: <http://www.usinadeuniversos.com/>. Acesso em: 13 nov. 2024.

estudos literários, o que nos permitiu, de certa forma, pensar as próprias categorias de análise para este conto.

Em vista dos amplos temas tratados no conto, focamos nos aspectos inclusivos da obra, mas outras questões nos chamam a atenção e ficam como incentivo a análise posterior: a mitologia que apresenta referências a escritores americanos como H. P. Lovecraft, representação de personagem negros e lgbtqiapn+ e o rico folclore nordestino que fora apresentado nesta pesquisa, mas que não se esgota em suas contribuições.

O sertãopunk é, para além de um gênero literário, uma manifestação artística em constante desenvolvimento, ficando como sugestão de apreciação artística o curta metragem 2020 de Oziel Herbert<sup>11</sup>, o qual lança uma reflexão sobre a importância das cores tropicais na estética artística do sertãopunk trazendo para o movimento o protagonismo negro, pinturas corporais e outros elementos do afrofuturismo, como a afetividade negra e que em muito têm contribuindo a este subgênero decolonial da ficção especulativa brasileira.

## Referências

ANDRADE, L. G. Narrativa histórica e narrativa literária: pontos e contrapontos. **Biblos - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, [S. l.], v. 17, p. 23–31, 2008.

AZEVEDO, R. Q. **Avaliação do potencial de aprendizagem em crianças com Síndrome de Williams-Beuren**. 2020. 118 f. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Fonoaudiologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 11, p. 89–117, 2013.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BORBA, P. S.; BENZAQUEN, G. F. Teoria crítica nas margens: um diálogo entre marxismo e pós-colonialismo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 35, n. 103, p. e3510312, 2020.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm). Acesso em: 31 jul. 2024.

CAVALCANTI, F. G. Pensando as relações internacionais a partir da periferia: antropofagia e perspectivismo ameríndio. In: TOLEDO, A. (org.). **Perspectivas pós-coloniais e decoloniais em relações internacionais**. Salvador: EDUFBA, 2021. p. 239–257.

DEL ROIO, M. Gramsci e a emancipação do subalterno. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, p. 63–78, 2007.

---

<sup>11</sup> TV ASSEMBLEIA - CEARÁ. CURTA CEARÁ | Filme “2020” - Oziel Herbert. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WMMV6B1U9byg>. Acesso em: 31 jul. 2024.



DELLANI, M. P.; MORAES, D. N. M. Inclusão: caminhos, encontros e descobertas. **Revista de Educação do IDEAU**, Bagé, v. 7, n. 15, p. 1–13, 2012.

DIRTH, T.; ADAMS, G. Decolonial theory and disability studies: on the modernity/coloniality of ability. **Journal of Social and Political Psychology**, Amsterdam, v. 7, n. 1, p. 260–289, 2019.

ESCOBAR, A. Mundos y conocimientos de otro modo. El programa de investigación de modernidad/colonialidad latinoamericano. **Tabula rasa**, Bogotá, n. 1, p. 51–86, 2003.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UnB, 2001.

FERRARI, L. Deficiência, Linguagem e Decolonialidade: e se pensássemos o mundo a partir da deficiência?. In: IFA, S.; MENICONI, F. C.; NASCIMENTO, A. K. O. (Org.). **Linguística aplicada na contemporaneidade**: práticas decoloniais, letramentos críticos e discurso no ensino de línguas. Campinas: Pontes Editores, 2023. p. 68–87.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GROSGOUEL, R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista crítica de ciências sociais**, Coimbra, n. 80, p. 115–147, 2008.

LE MOS, A. Ficção científica cyberpunk: o imaginário da cibercultura. **Conexão – Comunicação e Cultura**, Caxias do Sul, v. 3, n. 6, p. 9–16, 2004.

LIMA, M. A. S.; AMORIM, F. S.; BARROS, R. L.; COSTA JÚNIOR, B. M. Educação inclusiva: Uma abordagem reflexiva sobre os anos iniciais no Brasil. In: COSTA JÚNIOR, B. M.; BARROS, R. L.; SIMAS, A. A. O. (org.). **Perspectivas teóricas sobre educação especial e inclusiva**. Belo Horizonte: Editora Poisson, 2023. p. 8–19.

MACHADO, R. C. M.; SOARES, I. B. Por um ensino decolonial de literatura. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 21, n. 3, p. 981–1005, 2021.

MALDONADO-TORRES, N. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, S. GROSGOUEL, R. (org.). **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre, 2007. p. 127-167.

PRADO, K. O. Pensamento decolonial e inclusão subalterna: a educação e o ensejo da transformação. **Revista latino-americana de estudos científicos**, p. 4-18, 2021.

POPE, C.; MAYS, N. **Pesquisa qualitativa na atenção à saúde**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

ROCHA, J. L. **Saco do Inferno**. São Paulo: UICLAP, 2023.

SÁ, A. **Estão inventando o Nordeste. De novo**. Disponível em <https://medium.com/alan-de-s%C3%A1/est%C3%A3o-inventando-o-nordeste-de-novo-808943b6a759>. Acesso em: 31 jul. 2024.

SÁ, R. L. Ética, decolonialidade e migração à luz do pensamento freireano. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 47, p. 44–65, 2021.

SILVA, A. M. Sobre diversidades e regionalidades: a ascensão da Quarta Onda da ficção científica brasileira. **Revista Memorare**, v. 8, n. 1, p. 61–80, 2021.

TEIXEIRA, M.; GRECCO, P. M. Sertãopunk: novas perspectivas utópicas decoloniais na América Latina a partir da ficção especulativa. **Revista Cidade Nuvens**, Cariri/Crato, v. 2, n. 8, 2023.

TOLEDO, A. Perspectivas pós-coloniais e decoloniais em relações internacionais: a parte que nos cabe nesse percurso. In: TOLEDO, A. (org.). **Perspectivas pós-coloniais e decoloniais em relações internacionais**. Salvador: EDUFBA, 2021. p. 19–34.

VETROMILLE, A. C. A. **Sertãopunk: um movimento em movimento'**. 2022. 87 f. Dissertação (Mestrado em Letras - Letras Vernáculas) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

ZUIN, L. **Amazofuturismo e Cyberagreste: por uma nova ficção científica brasileira**. UOL, S.L, 2019. Disponível em: <https://lidiazuin.blogosfera.uol.com.br/2019/09/02/amazofuturismo-e-cyberagreste-por-uma-nova-ficcao-cientifica-brasileira/?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 28 jul. 2024.

### Sobre os autores

*Welistony Câmara Lima*

Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-7619-7794>

Mestrando em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA); especialista em Semiótica e Análise do Discurso pela Faculdade Metropolitana do Estado de São Paulo (FAMEESP); especialista em Língua Espanhola e Gênero e Sexualidade pela Faculdade Maximum (FACUMINAS); licenciado em Letras - Língua Portuguesa, Língua Espanhola e Literaturas pela UEMA. Membro dos grupos de pesquisas MELP - Multiletramentos no ensino de Línguas (CNPq) e LiDiME - Linguagem, Discurso, Mídia e Educação (CNPq). Professor substituto no curso de Relações Internacionais da UEMA.

*Ana Patrícia Sá Martins*

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5716-1580>

Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e mestra em Educação pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA); especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA); graduada em Letras - Licenciatura Plena em Espanhol pela UFMA e em História - Licenciatura pela UEMA. Professora adjunta do Departamento de Letras da UEMA, onde atua como professora permanente do Mestrado Profissional em Educação e do Mestrado Acadêmico em Letras. Bolsista Produtividade em Pesquisa da UEMA (2023-2024) e bolsista Produtividade em Pesquisa da FAPEMA (2024-2025). Líder do grupo de pesquisa Multiletramentos no Ensino de Línguas (MELP).

Recebido em ago. 2024.

Aprovado em nov. 2024.